

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA

JÉSSICA OLIVEIRA BERNARDES

Futebol e relações de poder:
produção do conhecimento sobre mulheres treinadoras nas revistas de educação física

Uberlândia
2023

JESSICA OLIVEIRA BERNARDES

Futebol e relações de poder:
produção do conhecimento sobre mulheres treinadoras nas revistas de educação física

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura e Bacharel em Educação Física.
Orientadora: Prof.^a Dra. Aline da Silva Nicolino

Uberlândia

2023

JESSICA OLIVEIRA BERNARDES

Futebol e relações de poder:
produção do conhecimento sobre mulheres treinadoras nas revistas de educação física

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciatura e bacharel em Educação Física

Uberlândia, 2023

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Aline da Silva Nicolino – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Dr. Sérgio Inácio Nunes – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof.^a Dra. Sônia Bertoni – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Dedico este trabalho a mim mesma e a todas as mulheres, que assim como eu, buscam representatividade no meio do esporte e em cargos de liderança.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho foi um processo longo e desafiador, mas estou feliz por estar concluindo essa etapa da minha vida. Por isso, expresso meus agradecimentos primeiramente a Deus, pois sem ele nada seria possível, minha família, por me apoiar do jeito deles, minha companheira, por acreditar e me dar forças quando nem eu mesma acreditava em mim e pensava em desistir, minha orientadora, pela paciência, compreensão, por não desistir de mim e me incentivar. Por fim, agradeço a banca por ter aceitado o convite de participar da conclusão dessa etapa da minha vida.

“Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”

Fernando Pessoa

RESUMO

Diante da baixa representatividade de mulheres como treinadoras de futebol e futsal no Brasil, este estudo objetiva conhecer a trajetória de mulheres que ocupam o cargo de treinadoras de futebol e/ou futsal no país, por meio de um levantamento nos periódicos da Educação Física. Para isso, vale-se de uma revisão bibliográfica, com os seguintes objetivos específicos: Identificar e mapear os artigos científicos nacionais da área, com Qualis CAPES entre A2 e B3 (Quadriênio de 2013-2016), que trazem a discussão sobre mulheres ocupando o cargo de treinadoras de futebol e/ou futsal no Brasil e também identificar as dificuldades e as resistências encontradas por elas, para ocuparem cargos de liderança no futebol e manterem-se neles. As buscas foram realizadas em 12 periódicos da área de Educação Física, os quais publicizam temas do campo sociocultural e pedagógico e estão entre os periódicos mais bem avaliados no Qualis CAPES (A2 e B3), no quadriênio 2013-2016. A coleta de dados foi realizada no mês de abril e encerrou no mês de maio de 2023, com a utilização dos descritores: Liderança; mulheres and futebol; treinadora e treinadoras. Os resultados confirmam que o cargo de treinadora ainda é majoritariamente ocupado por homens e que as mulheres enfrentam diversas barreiras e dificuldades ao longo da trajetória, sendo a mais aparente a falta de oportunidade e a busca constante por reconhecimento e credibilidade no meio futebolístico e social. As pesquisas mostram, portanto, que o fato de estarem em um cargo de treinadora, buscando uma formação inicial e contínua, como curso de especialização de futebol, são formas de resistências.

Palavras-chave: Treinadoras; Futsal; Futebol; Mulheres; Educação Física.

ABSTRACT

In light of the low representation of women as soccer and futsal coaches in Brazil, this study aims to explore the experiences of women holding coaching positions in soccer and/or futsal in the country. This is achieved through a survey of physical education journals, employing a bibliographic review to identify the challenges they face and the forms of resistance encountered in entering and maintaining coaching roles. The search was conducted across 12 physical education journals that focus on sociocultural and pedagogical aspects, selected among the top-rated journals in Qualis CAPES (A2 and B3) for the 2013-2016 quadrennium. Data collection took place in April and concluded in May 2023, using the descriptors: leadership; women and soccer; coach and coaches. The findings confirm that coaching positions are still predominantly held by men, and women face various barriers and challenges throughout their journey, with the most apparent being a lack of opportunities and the constant pursuit of recognition and credibility. However, they persist; merely occupying a coaching position or participating in a soccer specialization course is a form of resistance.

Keywords: Coaches; futsal; soccer; women; physical education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Procedimentos Metodológicos	11
A TRAJETÓRIA DE MULHERES TREINADORAS DE FUTEBOL: DIFICULDADES E DESAFIOS	155
EXISTIR NO FUTEBOL COMO TREINADORA É RESISTIR À LÓGICA PATRIARCAL	244
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	288
APÊNDICE A	3030

INTRODUÇÃO

O Brasil pode ser considerado o país do futebol, por ser um esporte que faz parte da cultura do brasileiro, existindo até um certo fanatismo, como mostra Caldas (2011, p.1) ao avaliar que “(...) o futebol é visto pelos estudiosos como uma das três maiores expressões do nosso povo”. Contudo, quando se trata de futebol jogado por mulheres a história sobre pertencimento é bem longa e complexa, “o envolvimento das mulheres com os esportes se deu de forma lenta e conflituosa. Por meio de concessões e negociações, elas foram se inserindo nesse espaço predominantemente masculino” (Ferreira; Salles; Mourão, 2015, p.22). É evidente e questionável a desigualdade na apropriação entre mulheres e homens nos espaços sociais, inclusive, no esporte. As mulheres enfrentam dificuldades em ingressar em cargos de lideranças, segundo Silva e Rodriguez (2020, p.3) “a inserção feminina no ambiente corporativo, embora haja evidências sociais de avanço, ainda caminha a passos suaves e continua permeada de inúmeros desafios, prioritariamente no que diz a ocupação das mulheres em cargos de liderança”.

Silvana Goellner (2006), estudiosa pioneira dos estudos feministas e de gênero na Educação Física, descreve que no Brasil até meados do século XX, a estrutura da sociedade brasileira era tão conservadora e rígida quanto ao papel que as mulheres deveriam exercer, sendo um deles, a não participação em determinados eventos sociais, como a prática de esportes. Segundo Goellner, as mulheres eram educadas para exercerem as funções de esposa e mães, desde a infância, estimuladas a praticarem exercícios leves, voltados a procriação. Já os meninos, eram motivados a praticarem exercícios ao ar livre, para tornarem-se "guerreiros", trabalhando força e disciplina. Para a maior parte da sociedade, o exercício representava um ataque à “feminilidade” da mulher, em virtude da produção do suor excessivo, de fortes emoções, da rivalidade, da musculatura torneada e, principalmente, do uso de roupas leves, à época considerada vulgar para as mulheres (Goellner, 2006).

Segundo Ferreira *et al.* (2017), em 1941 foi aprovado o Decreto Lei que proibia as mulheres de praticar alguns esportes, incluindo o futebol, no qual ficou vigente durante 38 anos, tendo final em 1979. Apesar de não proibir diretamente a participação em outras funções esportivas, como treinadoras por exemplo, Ferreira *et al.* (2017, p. 480) afirma que “ela contribuiu com a reafirmação da ideia de que o esporte não é um território de livre circulação

das mulheres”.

As diferenças anatômicas e fisiológicas entre homens e mulheres eram utilizadas para justificar as desigualdades impostas às mulheres em relação aos homens. Assim, se produzia valores culturais e atitudes sociais que naturalizam sistemas simbólicos, que reforçavam as estruturas preconceituosas da prática esportiva. Nas palavras de Goellner,

é possível afirmar que a presença da mulher no mundo do esporte representa, ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade: ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade. Complementaridade porque parceira do homem em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser (Goellner, 2006, p. 5).

Nota-se que esse contexto histórico, estereotipado, afeta as mulheres até atualmente, inclusive no esporte. Júlia Barreira *et al.* (2018, p. 2) afirma que “Ainda que o acesso das mulheres a essas e outras modalidades tenha aumentado no cenário brasileiro contemporâneo, as praticantes ainda são submetidas a padrões e modelos seculares, especialmente voltados à construção de estereótipos ligados ao corpo e à sexualidade.” Padrões esses impostos pela sociedade, em que muitas mulheres que jogam futebol são comparadas à homens ou até mesmo rotuladas como lésbicas.

Visto que a história das mulheres no espaço esportivo vem se constituindo por meio de reivindicações e lutas por igualdade, “o ambiente esportivo consiste em um lugar de afirmação de identidade masculina e continua a ser um dos espaços sociais em que é visível a preservação de uma clara fronteira entre gêneros” (Coelho, 2009, p.73-92 *apud* Ferreira; Salles; Mourão, 2015, p.21). Tal afirmação pode ser observada a partir da baixa quantidade de mulheres ocupando a posição de treinadora de futebol e futsal no Brasil.

Essa ausência de mulheres ocupando a posição de treinadora, foi observada por meio da minha vivência no futsal, a partir de conversas informais com jogadoras e treinadoras, ao assistir jogos profissionais nacionais de futsal. A desigualdade de poder entre homens e mulheres não está relacionada somente no esporte, mas também no ambiente acadêmico, local em que poucos estudos são produzidos sobre a ausência de mulheres em espaços de poder no futebol, como citado em um estudo sobre futebol de mulheres, em que busca a compreensão de como os marcadores sociais da diferença permeiam a prática do futebol de mulheres na cidade de São Paulo, desenvolvido por Mariani Piasini (2018). A autora afirma que ao realizar buscas na

plataforma de “teses e dissertações da CAPES, pode-se averiguar que o primeiro trabalho acadêmico sobre essa modalidade esportiva foi publicado no ano de 1997, na área de Educação Física. Segundo ela, nos últimos 20 anos, apenas 34 trabalhos, foram publicados” (*idem*, p.33).

A partir desse pressuposto, em que há pouca produção sobre futebol de mulheres no campo da Educação Física e poucas mulheres ocupando o cargo de treinadoras no futebol brasileiro, este estudo busca fazer um levantamento de artigos científicos da área que tratam sobre as questões das mulheres como treinadoras de futebol e futsal no Brasil, no sentido de identificar as dificuldades encontradas por elas para entrar e permanecer no cargo técnico, assim como as formas de resistência produzidas.

Objetivo Geral

Conhecer a trajetória de mulheres que ocupam o cargo de treinadoras de futebol e/ou futsal no país, por meio do levantamento de artigos publicizados em periódicos da Educação Física.

Objetivos específicos

Identificar e mapear os artigos científicos nacionais da área, com Qualis CAPES entre A2 e B3 (Quadriênio de 2013-2016), que trazem a discussão sobre mulheres ocupando o cargo de treinadoras de futebol e/ou futsal no Brasil.

Identificar as dificuldades e as resistências encontradas por elas, para ocuparem cargos de liderança no futebol e manterem-se neles.

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa é do tipo exploratória, visto que tem como objetivo obter uma compreensão mais profunda do fenômeno das mulheres como treinadoras de futebol e/ou futsal no Brasil, que segundo Gil (2002, p. 41) “(...) tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”, por meio de pesquisa bibliográfica que (...) é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (*idem*, p. 44), coletando e reunindo os dados sobre mulheres como treinadoras de futebol e/ou futsal no Brasil. A abordagem de análise é qualitativa, que segundo Bardin (1977, p. 115) “(...) corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável, a índices não previstos, ou a evolução das hipóteses.” Para tratar sobre as mulheres treinadoras

no futebol e/ou futsal brasileiro, foram realizadas buscas em 12 periódicos¹ melhor classificados no quadriênio 2013-2016 da CAPES, com Qualis entre A2 e B3, que trabalham com as perspectivas sócio-pedagógica e cultural da Educação Física.

Para esta revisão sistemática, nas revistas de Educação Física brasileira, sobre a produção do conhecimento sobre mulheres treinadoras no futebol, foram lançados os descritores: Liderança; Treinadora; Treinadoras; Mulheres and futebol. É importante frisar, que ao inserir somente a palavra mulheres, os resultados foram muito amplos, momento em que foi descartada essa possibilidade, unindo assim as palavras mulheres e futebol, para realizar as buscas. O levantamento se deu nas plataformas de cada periódico, ocorrendo entre os meses de abril e maio de 2023. Para delimitação do estudo, o primeiro passo foi selecionar os descritores que melhor se encaixavam no tema desta pesquisa, valendo-se das palavras que mais apareciam em títulos e palavras-chave de estudos sobre o futebol de mulheres, em diferentes campos do conhecimento.

Após o lançamento dos descritores nas bases de dados das revistas, o segundo passo foi ler os títulos dos artigos encontrados e selecionar os que estavam relacionados com o tema. Todos os dados coletados foram inseridos em uma planilha do Microsoft Office Excel, para uma posterior análise, que foi dividida em dois passos: o primeiro selecionar pelo título quais trabalhos estavam relacionados com a discussão sobre mulheres treinadoras no futebol. O segundo passo, foi ler os resumos dos artigos selecionados, para em seguida aplicar os critérios de inclusão na amostra, quais sejam: artigos que trouxessem as narrativas das mulheres sobre o cargo de treinadora de futebol ou futsal no Brasil, de caráter qualitativo, desenvolvido no país e publicizado originalmente em língua portuguesa. A seleção da amostra se deu entre o período de abril e maio de 2023, findando no dia 13 deste último mês.

Após lançar os descritores, encontrei um total 312 artigos nas 12 revistas, que traziam no título, no resumo e/ou nas palavras-chave algum termo ou informação sobre futebol, mulheres e cargos técnicos no país, como treinadora. Porém, desses, somente 17 artigos foram separados para leitura. Para realizar a análise inicial, para constituir a amostra, foi feita a partir da leitura dos títulos e dos resumos dos 17 artigos, que se enquadraram nos critérios

¹ Revistas Pesquisadas: Movimento, Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), Motrivivência, Licere, Pensar à Prática, Motricidade, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE/USP), Revista de Educação Física (UEM), Motriz, Revista Brasileira de Ciências e Movimento (RBCM), Caderno de Educação Física e Esporte (CEFE) e Conexões.

supracitados. No total foram encontrados 23 artigos, sendo 6 deles repetidos, portanto, 17 artigos foram selecionados para leitura do resumo e aplicação dos critérios de inclusão. Após a leitura dos resumos foi notado que a maioria dos artigos selecionados tratava sobre mulheres como atletas de futebol e/ou futsal, ou seja, dos 17 artigos selecionados, 12 foram descartados por não terem relação com o tema e/ou não se enquadrarem nos critérios de inclusão, então restaram cinco artigos para compor a amostra. Os 5 artigos selecionados trazem, portanto, as narrativas das mulheres sobre estar em cargos de liderança, principalmente como treinadoras de futebol ou futsal no Brasil. A sistematização apresentada no Apêndice A mostra que, apesar de ter um número considerável de trabalhos que tratam sobre mulheres no futebol, há uma pequena quantidade de artigos apresentados nos periódicos da área de Educação Física sobre a temática.

Nesse momento, trago um quadro, visando mostrar as informações dos 5 artigos selecionados nos 12 periódicos da área da Educação Física, que se enquadraram nos critérios de inclusão deste estudo e compuseram a amostra. A sistematização dos artigos, traz o periódico que o trabalho foi publicado, o nome do/a (s) autor/a (s), o título e o ano de publicação.

Quadro 1. Sistematização dos trabalhos encontrados nos periódicos da área da Educação Física, que compuseram a amostra após aplicação dos critérios de inclusão.

PERIÓDICO	AUTORIA/TÍTULO	ANO
Movimento	FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L.; MORENO, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil.	2013
Revista de Educação Física UEM	FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L. N. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil.	2015
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE/USP)	FERREIRA, H. J.; ANJOS, L. A. dos; DRIGO, A. J.; MOURÃO, L. N.; SALLES, J. G. do C. As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras.	2017
Movimento	NOVAIS, M. C. B.; MOURÃO, L.; SOUZA JUNIOR, O. M. de; MONTEIRO, I. C.; PIRES, B. A. B. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva.	2021
	GUIMARÃES, K. L. .; BARREIRA, J.; GALATTI, L. R. “Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy.	2023

Como mostra o quadro 1, foram encontrados 5 trabalhos, que tratavam sobre as mulheres treinadoras no futebol, sendo o primeiro artigo publicado no ano de 2013 e o último em 2023, tendo em média 2 anos entre as publicações. Todos os artigos tratam de mulheres ocupando o cargo de treinadoras em equipes de futebol ou futsal no Brasil. Os três primeiros

estudos trazem treinadoras de 8 modalidades, incluindo futebol e futsal, o quarto fala especificamente de mulheres treinadoras e auxiliares no futebol e o último estudo traz as mulheres no curso para se tornarem treinadoras.

A TRAJETÓRIA DE MULHERES TREINADORAS DE FUTEBOL: DIFICULDADES E DESAFIOS

Os resultados das revisões foram agrupados em 2 categorias: A trajetória de mulheres treinadoras de futebol: dificuldades e desafios; e Existir no futebol como treinadora é resistir à lógica patriarcal, as quais serão apresentadas a seguir.

A categoria que mais apareceu nos trabalhos analisados refere-se as dificuldades e as barreiras impostas as mulheres ao longo de suas trajetórias profissional. Sobre essa questão, o artigo “A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil”, escrito por Heide Jancer Ferreira et al. (2013), mostra que o primeiro marco da trajetória das mulheres como treinadoras de futebol ou futsal é o longo processo que enfrentam de barreiras e obstáculos. Em suas palavras, trazem que “para se inserir e progredir na carreira elas se deparam com muitos obstáculos, desde o preconceito até os baixos salários” (*idem*, p. 104). Ferreira et al. (2013, p.120) trazem que “elas enfrentam preconceito, questionamentos da competência e capacidade de liderança feminina, conflito da vida profissional e pessoal, baixos salários e estereótipos”. O(a)s autore(a)s interpretam que

Para elas as dificuldades começam a partir da percepção das pessoas que apenas homens têm capacidade para serem técnicos. Elas afirmam que o preconceito se faz presente e que o Brasil ainda é um país muito machista. Percebem, também, que persiste a concepção da mulher como o sexo frágil (Ferreira et al., 2013, p.113).

Essa percepção social, vem de uma construção social patriarcal. Assim, uma das maiores dificuldades encontradas pelas mulheres para entrada e permanência no cargo de treinadora é a falta de oportunidade, que segundo o(a)s autore(a)s trata-se da “(...) primeira barreira encontrada”. Essa falta de igualdade na trajetória para homens e mulheres, faz com que elas duvidem delas mesmas, se são capazes ou não, mesmo que a todo tempo as treinadoras estejam mostrando e reafirmando a sua competência. Isto é, “o domínio masculino provoca não somente o fechamento desse espaço para as mulheres, como o questionamento da capacidade daquelas que tiveram acesso ao posto” (Ferreira *et al.*, 2013, p.113).

Outra dificuldade, bastante aparente citada no estudo, é a falta de reconhecimento juntamente com a baixa remuneração, que leva as mulheres a entrarem em dupla jornada de trabalho, e isso afeta diretamente a família, pois acaba que o tempo de lazer, quando se tem,

fica curto e corrido. Segundo a pesquisa, “A falta de reconhecimento, a baixa remuneração obriga as mulheres a procurarem outros empregos para complementar a renda”, (...) desafio das mulheres em conciliar a vida profissional com a vida afetiva e familiar” (Ferreira *et al.*, 2013, p.113), além do fato de que essa baixa remuneração não serve para estimular as treinadoras ao longo das suas trajetórias e, conseqüentemente, existe a perda da motivação.

Segundo Ferreira *et al.* (2013), as mulheres entram na dupla jornada de trabalho, pois existe o sonho de serem esposas e mães e ainda tem que cuidar da casa, e que com a escolha de trabalhar com o esporte, elas acabam sofrendo e se culpando por essa escolha, justamente por as vezes não conseguirem conciliar tudo. Eles(as) ainda afirmam que “quando as mulheres passaram a serem trabalhadoras assalariadas, elas não se libertaram da imagem de “rainha do lar”. E muito menos os homens ofereceram uma contrapartida na divisão das tarefas domésticas” (Ferreira *et al.*, 2013, p. 113). Essas barreiras culturais, denominam de “teto de vidro”, termo utilizado no estudo, para indicar “que as mulheres ocupam posições inferiores, a partir das quais elas visualizam os postos acima delas por meio da transparência da parede de vidro, mas não conseguem ultrapassá-la” (Ferreira *et al.*, 2013, p. 106).

As mulheres estão presentes majoritariamente em categorias de base e escolinhas, e de acordo com Ferreira *et al.* (2013, p.115) não existe o avanço de nível de cargo por dois motivos:

Primeiramente, o domínio e a solidariedade masculina nesse espaço - atrelada ao preconceito - não permite que as mulheres subam de posição. Eles não dão oportunidades para elas, que ficam restritas à base da pirâmide. Segundo, as próprias mulheres se conformam com isso, uma vez que quanto mais elevado o cargo e o nível competitivo, proporcionalmente maiores serão as exigências de tempo e dedicação à vida esportiva. Em contraponto com a vida pessoal e doméstica, elas se acomodam e optam por permanecer com os trabalhos de iniciação esportiva.

Afirmção que não concordo, pois existem muitas barreiras e dificuldades enfrentadas para chegarem e se manterem na posição de treinadoras até de categoria de base e iniciação. Então, não é questão que elas se acomodam, mas existem fatores, inclusive citados no próprio artigo que relatam a desmotivação das mulheres. Os(as) autores(as) trazem frases de treinadoras falando que a culpa é tanto do homem, quanto da mulher, e na interpretação deles(as) “as mulheres acabam interiorizando o domínio dos homens e muitas sequer representam a profissão de técnicas como possível para elas. (...) diante de todas essas dificuldades, as mulheres acabam interiorizando a reserva masculina e aceitando a exclusão” (Ferreira *et al.*, 2013, p. 116 e 120). No mesmo estudo, os autores descrevem que “diante das dificuldades, da pressão e do estresse

que vivenciam, algumas técnicas chegam a desistir da carreira” (*idem*, p.118) e, portanto, não são todas as mulheres que estão dispostas a enfrentar as diversas dificuldades encontradas no caminho. Com isso, muitas desistem da carreira, algumas nem tentam e uma minoria consegue se manter no cargo (Ferreira *et al.*, 2013).

Na minha visão, como atleta de futebol e convivendo com mulheres desse meio, percebo que é uma luta árdua e diária, muito desgastante, pois elas precisam mostrar o quanto sabem e o que são capazes o tempo todo. Esse exercício diário de enfrentamento, não tem reconhecimento. Então, avalio, que diferentemente do(a)s autore(a)s, não se trata de uma questão de disposição de enfrentamento por parte delas, mas de uma condição social, cultural e política imposta que, muitas vezes, impossibilita o trabalho das mulheres em entrar e permanecer em cargos de liderança. Alguns dos motivos relacionados a desistência das mulheres na carreira esportiva, é apresentado no estudo, sendo eles: a síndrome de burnout, a insatisfação com o salário e as barreiras que enfrentam ao longo do caminho (Ferreira *et al.*, 2013). Portanto, discordo de uma análise meritocrática como argumento de permanência ou não das mulheres para estarem e ocuparem cargos técnicos, pois não se trata só de uma vontade e disposição individual, mas de uma desigualdade social estrutural. As dificuldades e (im)possibilidade de atuação profissional postas para as mulheres começam na base da estrutura futebolista, na falta de incentivo, na falta de espaços para iniciarem a prática esportiva, na falta de investimentos e campeonatos, na falta de representação de mulheres ocupando cargos técnicos e decisórios, na falta de redes de apoio dentro e fora do contexto esportivo, na remuneração inferior ao salário do homem, nas dificuldades de entrar e permanecer como treinadoras nas categorias de base e profissional, assim como na falta de remuneração (Loureiro; Loureiro, 2018; Passero *et al.*, 2020; Detoni; Aggio; Figuerôa, 2021; DeBroders, 2023; Ronald; Jarne; Shveda, 2023).

O estudo, mostra ainda, que após consultas sobre mulheres como técnicas nas seleções brasileiras, nos Jogos Pan-Americano de Guadalajara (Ferreira *et al.*, 2013, p. 111) identificou-se que quando estão no comando, “isso se dá majoritariamente nas práticas físico-desportivas consideradas essencialmente femininas”. Verificou-se, ainda, que “grande parte das mulheres que se tornam técnicas é limitada a trabalhar com as categorias de base e escolinhas para crianças” (Ferreira *et al.*, 2013, p.115). Diante disso, nota-se a existência de estruturas fundantes, patriarcal e conservadora, em que as mulheres são vistas como àquelas que ocupam o papel do cuidado do lar e de familiares, empurrando-as a uma lógica restrita ao lar, ao cuidado

e, ao mesmo tempo, incapacitando-as do comando de equipes e de cargos decisórios no futebol, universo marcado pela agressividade, força, competitividade. Segundo Ferreira et al. (2013, p. 116):

para o trabalho com crianças as mulheres são sempre bem-vindas, pois há uma suposição de que elas, tendo sido educadas para o lar, têm melhores condições de cuidar do filho que está sendo tirado por um momento da mãe. Portanto, ao que parece, existe no contexto esportivo a percepção de que as mulheres possuem capacidade para ensinar e lidar com crianças, mas não para comandar uma equipe.

Em relação a permanência no cargo, existem fatores que são essenciais, mesmo elas tendo que sempre mostrarem resultados e competência, com pouco recurso, estrutura e credibilidade, atribuem a sua permanência “as vitórias conquistadas” (Ferreira *et al.*, 2013, p. 114). Assim, um dos fatores importantes é o apoio de membros do clube onde trabalham, além de suas qualidades profissionais e, principalmente, a sua motivação, que vem do amor que sentem pelo esporte (*idem*). É importante frisar que tais atributos não são cobrados dos homens, ou seja, o amor incondicional pelo esporte e a obrigação de ganhar, como fundantes de sua competência. Na minha percepção como jogadora e vivenciando nesse meio, vejo que para eles, os erros são encarados como possibilidade de reflexão sobre trabalho que precisa ser desenvolvido e revisto por todos, compartilhado pelo grupo, e para elas, errar é critério de incompetência de uma “natureza humana” incompatível com o futebol, em que cada passo é avaliado como uma incapacidade da mulher em coordenar, dirigir, intervir e propor.

No segundo artigo, intitulado “Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil”, de Heide Jancer Ferreira, José Geraldo do Carmo Salles e Ludmila Mourão (2015), publicado dois anos depois do supracitado, o(a)s autore(a)s trazem que “na carreira esportiva o ato de tornar-se treinador representa, para muitos atletas, uma possibilidade de prolongamento e continuidade no esporte” (Ferreira; Salles; Mourão, 2015, p. 23). Isto é, o estudo mostra a importância de ter vivenciado o esporte para dar continuidade em outras funções dentro da modalidade. O que significa dizer, que se ver representada a partir da figura de outras mulheres, de forma a ter mulheres ocupando postos de treinadoras e em cargos decisórios, é ter a possibilidade de permanecer no esporte.

Assim, o fato de ter sido atleta, é apresentado como um passo importante para a entrada no cargo de treinadora e, muitas vezes, essa transição vai acontecendo com a ajuda do próprio

treinador(a) e da comissão técnica. No estudo feito com as treinadoras, foi identificado, por meio das falas das entrevistadas, que a passagem de atleta para treinadora aconteceu de forma natural (*idem*, p. 23), visto que na

medida que sinalizaram o fim da vida atlética, foram se envolvendo com o trabalho de seus técnicos e com atividades em escolinhas de esportes voltadas para o público infantil.(...)Muitas vezes, a maioria após encerrarem a carreira de atletas, como elas já estão inseridas em um time de alto rendimento, conseguem o cargo de treinadoras da base desse time e após isso começam a fazer o curso de Educação Física, já outras preferem encerrar a carreira de atleta, fazer a faculdade e depois investir na carreira de treinadora.

Segundo as interpretações de Ferreira, Salles e Mourão (2015, p.24), sobre a fala das treinadoras entrevistadas, “a experiência como atleta com uma trajetória de destaque no alto rendimento parece ser um fator importante para que mulheres sejam convidadas a ocuparem o posto de técnicas”. Assim, segundo elas o fato de

Ter sido atleta trata-se de um diferencial que, somado à formação acadêmica, faz com que uma treinadora seja completa em termos de conhecimentos e proporciona maior sensibilidade, uma vez que a técnica consegue identificar e entender facilmente as situações que o atleta experimenta (*idem*, p. 25).

O artigo mostra também que todas as treinadoras, independente da forma de inserção em sua trajetória como jogadoras de futebol, começaram na categoria de base, mas que só tiveram oportunidade para assumir o time principal, após entregarem resultados nas competições com o time da base (*idem*).

De acordo com Ferreira, Salles e Mourão (2015), a treinadora de futebol, que lidera uma equipe de atletas homens, apresenta que saber exercer a profissão não é uma opção e sim um pré-requisito para que as mulheres consigam credibilidade em seu trabalho. Além dos outros fatores, a credibilidade é apresentada como fator fundamental e principal para a permanência das mulheres no cargo de treinadoras. À medida que elas vão conquistando títulos, vão conseguindo espaço e respeito no meio esportivo. Como relatado no artigo anterior, a mulher está sempre tendo que mostrar resultados para que ela seja vista como uma mulher competente e digna de estar naquela posição.

“Essa necessidade de apresentar resultados existe para todos que estão no comando esportivo, independente se homem ou mulher, se ex-atleta ou não” (Ferreira; Salles; Mourão, 2015, p. 26). Interpretando como atleta e amante do futebol, digo que pode até ser que sim, que

os homens também tenham que conquistar títulos em campeonatos para que permaneçam na equipe, mas se observarmos os treinadores que não renovaram contratos no time em que estavam por sequência de derrotas, nota-se que eles ainda terão oportunidades em outros times, o que não acontece com as mulheres, pois sequência de derrotas ou até mesmo uma derrota, significa incapacidade de atuar como treinadora. O artigo traz, ainda, que “as vitórias e títulos representam a prova da competência no treinamento esportivo e, à medida que vão surgindo, eles vão suprimindo a dúvida que as pessoas têm em relação ao trabalho das treinadoras” (*idem*, p.26).

Ferreira, Salles e Mourão (2015, p. 26), concluem que:

para permanecer como treinadoras, a lógica de valores baseada no sucesso e na vitória torna-se preponderante sobre as relações de gênero, embora estas ainda se façam presentes por meio da dúvida da competência feminina. (...) independentemente de ser homem ou mulher, o treinador é responsabilizado e cobrado pelos resultados dos atletas.

Outro fator importante é a motivação das treinadoras, que novamente assim como no primeiro artigo são motivações pessoais e principalmente o amor pelo esporte, pois em relação a remuneração não existe motivação. Segundo Ferreira, Salles e Mourão (2015, p. 27), “O que impulsiona na profissão são os sonhos de conquistar títulos, a satisfação em formar pessoas e atletas, e o amor pelo esporte. (...) mesmo para mulheres atuantes em equipes de alto rendimento, a remuneração não se apresentou como um fator motivacional”.

No terceiro artigo, “As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras”, de Heide Jancer Ferreira, Luiza Aguiar dos Anjos, Alexandre Janotta Drigo, Ludmila Nunes Mourão e José Geraldo do Carmo Salles (2017), é falado mais sobre as barreiras e as dificuldades enfrentadas pelas mulheres treinadoras, em que duas mulheres entrevistadas relataram que “o preconceito foi problemático no início de suas carreiras. (...) tiveram dificuldade em se firmarem como treinadoras em função da resistência de atletas e dos pais deles em ter uma mulher nessa função” (Ferreira *et al.*, 2017, p. 483). Entretanto, o estudo conclui que referente a análise sobre a trajetória das treinadoras entrevistadas, encontra-se resistência dessas mulheres nesse meio de reserva masculina, e pontua também, assim como os outros dois artigos analisados anteriormente, que as mulheres estão sempre tendo que mostrar que são competentes para ter credibilidade. Sendo assim, o artigo traz que: “esforços despendidos por cada treinadora no sentido de provar sua capacidade de trabalho e tentar obter credibilidade são

reconhecidamente importantes e representam uma possibilidade de contraposição à presença majoritária masculina no treinamento esportivo” (*idem*, p. 485).

O quarto artigo “Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva”, de Mariana Cristina Borges Novais, Ludmila Mourão, Osmar Moreira de Souza Junior, Igor Chagas Monteiro e Bárbara Aparecida Bepler Pires (2021), foi feito exclusivamente com treinadoras e auxiliares de futebol, diferentemente dos outros três analisados anteriormente. Neste artigo, as autora(e)s citam sobre quando os times de futebol masculino da série A foram obrigados a terem times de mulheres, para participar de alguns campeonatos em 2019 e, nesse momento, o futebol de mulheres bateu recorde de audiência durante a Copa do Mundo. Entretanto, Novais *et al.* (2021, p.4) retratam que “esse conjunto de fatores impactou positivamente a oferta de oportunidades de trabalho para as mulheres nas comissões técnicas, mas não garantiu aumento significativo de sua representatividade na ocupação de cargos de treinadoras e auxiliares”. Complementando essa discussão, em fevereiro de 2023, o presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)² anunciou que até 2027 todos os times das quatro divisões do campeonato brasileiro serão obrigados a ter equipes femininas, não só os da série A, que seria uma boa medida para incentivar o crescimento do futebol de mulheres.

Em relação a ocupação das mulheres em cargos de treinadoras e auxiliares, assim como apareceu em dois dos artigos selecionados, nesse não foi diferente, o fato de as mulheres terem praticado o futebol e serem atletas como condição para chegar a ocupar o cargo de treinadora, sendo fatores propulsores na trajetória até chegar a ocupar algum cargo na comissão técnica. Nas palavras da(o)s autora(e)s

As trajetórias das treinadoras e auxiliares apresentam homogeneidade em relação ao envolvimento como o esporte desde a infância e com o futebol e/ou futsal. Especificamente, na condição de atletas. (...) Aquelas que não tiveram oportunidades oriundas de seus desempenhos dentro das quatro linhas se dedicaram aos estágios e aos estudos (Novais *et al.*, 2021, p. 6 e 8).

Novais *et al.* (2021), ao analisarem as entrevistas com as treinadoras, identificaram que

² Informação disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/brasileirao/artigo/_id/11594250.

o fato de ser ex-atleta e ter formação em Educação Física, torna-se um diferencial para atuar como treinadoras, além do investimento em cursos de especialização. Afirma, ainda, que

a competência e o alto investimento em capacitação refletiram e refletem diretamente nas vias de acesso aos cargos, quais sejam: formação superior, convite pessoal feito por dirigentes/treinadores, estágios em clubes e trabalhos desenvolvidos em escolinhas. E para se manterem no cargo elas (...) ratificam que se trata de continuar a estudar (Novais *et al.*, 2021, p.10).

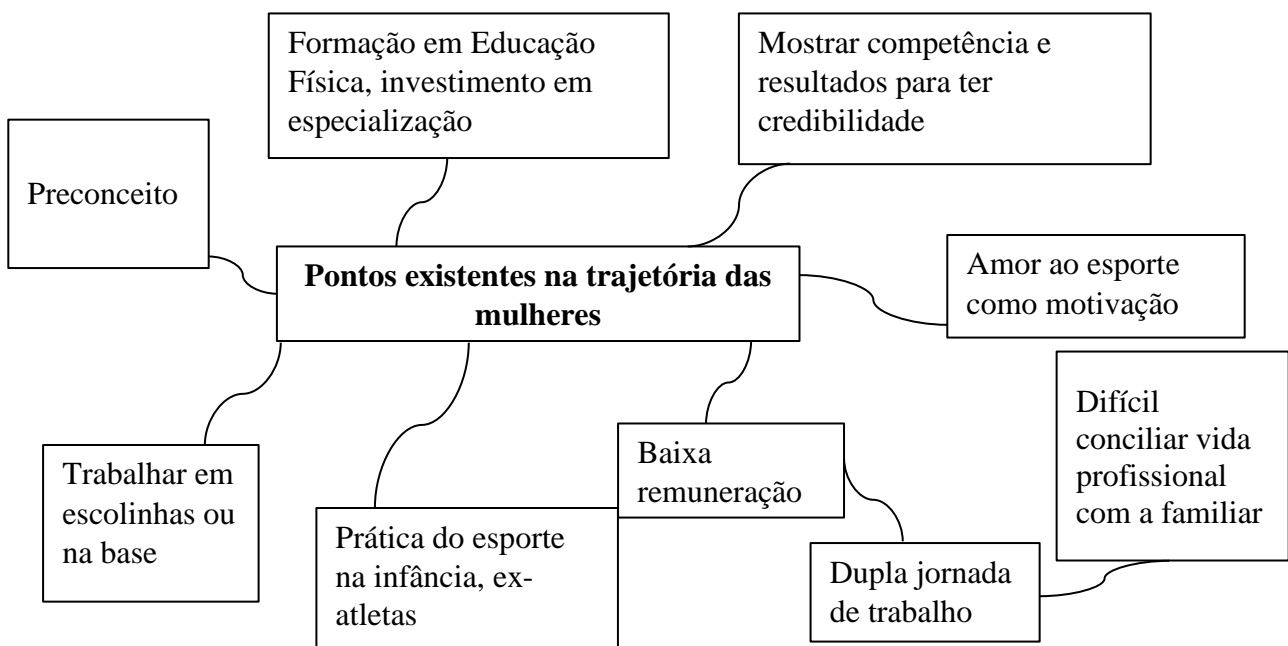
E, por fim, o último artigo selecionado para a amostra deste estudo, intitulado “Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás: experiências das treinadoras em cursos da CBF academy”, escrito por Karen Letícia Guimarães, Júlia Barreira e Larissa Rafaela Galatti (2023), traz sobre a vivência das treinadoras em cursos de certificação da CBF Academy, que “representa o braço educacional da CBF, sendo responsável pelo oferecimento dos cursos de certificação desde 2016” (Guimarães; Barreira; Galatti, 2023, p. 4), em que foi feito uma análise de a trajetória das mulheres dentro dos cursos de certificação. É significativo frisar que este é o único artigo da amostra desenvolvido somente por mulheres.

Segundo as autoras, “ao iniciar o curso, as treinadoras relataram um desconforto e constrangimento em relação a sua presença naquele ambiente” (*idem*, p.7), por ser um lugar onde há poucas ou mesmo nenhuma mulher, em que perceberam ser um espaço “(...) majoritariamente ocupados por homens” (*idem*, p.7), os quais já se sentem superiores, existindo uma prepotência em relação as mulheres. Segundo Guimarães, Barreira e Galatti (2023, p. 7) “ao passo que os homens se sentem seguros para se expor com comentários e perguntas, independente do conteúdo, as mulheres refletem sobre o que vão falar antes de se posicionarem”. E assim como no cargo de treinadoras, como visto nos artigos anteriores, mais uma vez elas precisam sempre mostrarem competência, mostrando que sabem e entendem muito sobre futebol, portanto “as treinadoras relatam um início de curso cercado de desconfiança e a necessidade de se impor com questionamentos relevantes e falas que evidenciem seu conhecimento sobre futebol, para que sejam respeitadas ao longo do curso” (*idem*, p. 8).

Apesar de inúmeras dificuldades e barreiras encontradas pelas mulheres nesse processo de formação, o curso é uma possibilidade de criar e/ou ampliar redes de contatos, em que podem se ajudar, sendo uma possibilidade de entrada e de permanência nos clubes. As autoras, identificaram, por meio das entrevistas, que o curso é importante para estabelecer

relacionamentos e fazer contatos, contribuindo para sentirem-se “fortalecidas em termos de conhecimento e contatos para atuarem como treinadoras, mas o curso em si precisa ser revisto em termos de como mulheres são (mal) acolhidas em relação aos colegas” (Guimarães; Barreira; Galatti, 2023, p. 11).

Ao analisar a trajetória das treinadoras a partir dos cinco artigos selecionados para a amostra deste estudo, identifiquei que elas enfrentam dificuldades e barreiras tanto para entrarem no cargo de treinadoras, quanto para permanecerem nesse cargo. Um fator que foi discutido em quase todos os artigos, refere-se à competência que as mulheres precisam mostrar e provar para ocupar ou permanecer no cargo de treinadora, para obter credibilidade e serem respeitadas, além da graduação em Educação Física. Nos artigos foram apresentados diversos pontos que fazem parte da trajetória das mulheres, como o fato de ser ex-atleta ajudar a entrar nesse cargo e o amor ao esporte como a principal fonte de motivação, entre outros fatores que podem ser observados na figura a seguir:



EXISTIR NO FUTEBOL COMO TREINADORA É RESISTIR À LÓGICA PATRIARCAL

Diante de tantas dificuldades e barreiras enfrentadas pelas mulheres treinadoras, ao longo de sua trajetória, nota-se diversas formas de resistência e superação por parte delas, como o enfrentamento cotidiano com os pais e atletas ao se depararem com as mulheres exercendo a função de treinadoras. No estudo desenvolvido por Ferreira *et al.* (2017), as treinadoras entrevistadas relatam um certo receio e/ou bloqueio por parte de pais e atletas, à figura da mulher “em função da resistência de atletas e dos pais, em ter uma mulher nessa função” (*idem*, p. 483). Esse preconceito em ter mulheres exercendo cargos técnicos no futebol, também é apresentado no estudo de Ferreira, Salles e Mourão (2015, p.25), ao trazerem que “uma das informantes do estudo acredita que, pelo fato de serem mulheres, para atuarem como treinadoras, elas precisam de maior preparação para serem capazes de enfrentar e resistir a todos os tipos de situação”.

As mulheres não enfrentam dificuldades somente quando se fala de cargos de liderança, grande parte das treinadoras foram ex-atletas ou praticaram o esporte na infância, como visto em alguns dos artigos da amostra, então desde pequenas já lidam com as dificuldades. Sob o meu ponto de vista, como atleta de futsal e com base na minha infância, quando se tem um incentivo por parte de algum familiar a criança/atleta se sente mais segura, o que geralmente não acontece, por conta de o futebol ser um esporte socialmente ‘masculinizado’. Assim, as meninas e mulheres que tem o interesse pelo esporte, “enfrentam desafios constantes relacionados às questões de feminilidade” (Novais *et al.*, 2021, p. 7). Esse preconceito é discutido no artigo de Novais *et al.* (2021), ao mostrarem que a família ‘acabou liberando’, após a competência de a treinadora ser apresentada, assim como a permanência das mulheres nesses cargos ser mais exitosa, por “treinadoras e auxiliares que jogam bola desde a infância resistiram e empreenderam manobras para seguirem no âmbito do futebol; uma delas é a apresentação de atributos valorizados pela dimensão simbólica do jogo” (*idem*, p.7).

Juntando o fato de terem sido boas atletas e estudado para serem boas treinadoras, as mulheres estão cada vez mais qualificadas para o cargo, porém “(...) sua representatividade não acompanha direta e proporcionalmente sua qualificação” (Novais *et al.*, 2021, p.12). Segundo este estudo, “conquistar o direito à ocupação dos cargos analisados em função de seu desempenho no meio do futebol, aliado a todo empenho na qualificação, configura uma potente

estratégia e subversão do cenário de sub-representatividade" (*idem*, p.10-11). Em relação a qualificação das treinadoras, a maioria por já estarem incluídas no meio do futebol como atletas, acabam já realizando a formação em Educação Física durante ou após o encerramento da carreira (Ferreira; Salles; Mourão, 2015).

No artigo que trata sobre mulheres em um curso de futebol, escrito por Guimarães, Barreira e Galatti (2023), as mulheres também enfrentam diversas dificuldades apontadas pelas autoras, como nas falas dos próprios professores do curso, que fazem piadas machistas, gerando então um certo desconforto para as mulheres. No que se refere a reação das participantes sobre essa questão, “algumas não se expuseram e outras se sentiram incomodadas e se posicionaram frente a eles, tanto no momento quando foram realizados, quanto no final do curso, (...) mesmo assim quando o fizeram tiveram receio da possível consequência das suas ações” (*idem*, p.9).

Ferreira *et al.* (2017, p.483) também afirma que “quando algumas mulheres constituem força de resistência contra a norma, elas se vêem diante de entraves”. Contudo, “mesmo com essa experiência inicial não-acolhedora e com os comentários inadequados que presenciam ao longo do curso, as participantes relatam que as certificações correspondem a boas experiências formativas” (Guimarães; Barreira; Galatti, 2023, p.12) e, por isso, não deixam de fazer. O simples fato de estarem em um curso de futebol ou em um cargo de liderança como o de treinadora, já se torna uma forma de resistência, pois “a presença de mulheres nesse ambiente, assim como seus posicionamentos ao longo do curso, configura-se como uma forma de resistência e de enfrentamento em relação às construções de gênero no esporte” (*idem*, p.8). É preciso pontuar, ainda, que as resistências são diárias e que “existem resistências por meio de ações individuais” (Ferreira *et al.*, 2017, p.485). Por fim, existir sendo treinadora em um ambiente tido socialmente como ‘masculino’ é lutar diariamente para sobreviver e se manter nesse espaço. Existir como uma treinadora é resistir!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cargos de lideranças são majoritariamente ocupados por homens, que então culminam em um ciclo em que homens contratam homens e, por isso, é extremamente difícil para uma mulher se infiltrar nesse meio. Neste estudo, foi possível identificar, a partir da leitura dos artigos publicizados em periódicos da Educação Física, algumas dificuldades, barreiras e resistências que as treinadoras enfrentam durante toda a sua trajetória.

Segundo os estudos analisados, a maioria das mulheres que estão exercendo o cargo de treinadoras consegue entrar no cargo por ter sido ex-atleta e realizar a formação em Educação Física. Para isso, começam a acompanhar e ajudar seu treinador ainda meninas, sendo jogadoras e a paixão pelo esporte é um fator de motivação para buscarem a formação em Educação Física. De modo geral, percebe-se que ao longo dessa trajetória, elas enfrentam muitas dificuldades e barreiras para a entrada e permanência no cargo, assim como na sua ascensão. O principal ponto que apareceu em quatro, dos cinco artigos da amostra, é o fato de que as mulheres, independente se estão ocupando o cargo de treinadoras ou realizando cursos de especialização, precisam a todo tempo mostrarem conhecimento e sua capacidade para adquirirem credibilidade social, além da obrigação de entregar resultados positivos. Enfrentam também preconceito e a falta de oportunidade, tanto que na maior parte das vezes são oferecidos cargos como o de escolinhas ou da categoria de base, com o pensamento de que as mulheres sabem “cuidar” de crianças, mas não estão preparadas para lidar com a pressão e cobrança do alto rendimento. Identificou-se também que a maior motivação para entrarem e permanecerem no cargo é a pessoal, do amor pelo esporte, pois o apoio e motivação social não foram mencionados. No que se refere aos principais motivos da desmotivação, as pesquisas mostraram a baixa remuneração salarial, lançando-as em outros empregos e começam a lidar com a dupla jornada de trabalho remunerado, para além de ter que conciliar com as responsabilidades de cuidado com a família, alimentação e limpeza de casa, em uma tripla jornada de trabalho.

Contudo, no meio de tantas barreiras e dificuldades os trabalhos trouxeram sobre as resistências, em que o fato de estarem exercendo um cargo de treinadora ou realizando um curso de especialização de futebol, são formas de resistir as barreiras e dificuldades presentes. Os trabalhos mostram também que elas estão sempre buscando formação e especialização, enquanto para os homens isso não é uma preocupação, uma “obrigação” para se manterem no cargo, já para a mulher é uma exigência. Lidar com a resistência de atletas e pais, simplesmente

por exercerem sua profissão, se posicionar diante de preconceitos ou até mesmo se calar, são atos de resistências presentes na trajetória delas. Ao ler as produções e vivenciar o futebol como jogadora e professora, percebo o quanto ter uma mulher ocupando um cargo no futebol é significativo, que continuar existindo nesses locais é uma representação política, pois existir é resistir.

Identifico, ao final, que existe a necessidade de continuidade de estudos nessa temática, e que se possível, eles sejam feitos por mulheres, que talvez tenham um olhar mais minucioso e crítico, pois existem poucos estudos sobre essa temática nas revistas brasileiras de Educação Física, em que dos cinco artigos da amostra apenas um foi escrito somente por mulheres. Isso se faz necessário, para que ao longo dos anos as pessoas entendam esse cenário e criem ações para diminuir a desigualdade e preconceito existente nos cargos de treinadoras e elas tenham mais oportunidades.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa edições, 70, 1977.

BARREIRA, J.; GONÇALVES, M. C. R.; MEDEIROS, D. C. C. de; GALATTI, L. R. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento**, v. 24, n. 2, p. 607–618, 2018.

CALDAS, W. O futebol no país do futebol. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**. 1986, v. 3, n. 2, p. 24-30.

DEBRODERS. Futebol feminino e as dificuldades encontradas. **Miscelânea & Cia**, 7 de junho de 2023. Disponível em: <https://miscelaneaecia.com.br/futebol-feminino-e-as-dificuldades-encontradas/>.

DETONI, H. O; AGGIO, M. T; FIGUERÔA, K. M. Futebol feminino brasileiro e as dificuldades encontradas nesse subcampo esportivo. **Anais do XXII CONBRACE**, 2021. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2021/9conice/paper/viewFile/15806/8141>.

FERREIRA, H. J.; ANJOS, L. A. dos; DRIGO, A. J.; MOURÃO, L. N.; SALLES, J. G. do C. As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.31, n. 2, p. 479-488, 2017.

FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L. N. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Journal of Physical Education**, v 26, n 1,p. 21-29, 2015.

FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L. N; MORENO, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no brasil. **Movimento**, v. 19, n. 3, p. 103–124, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. 41 p.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85–100, 2006.

GUIMARÃES, K. L.; BARREIRA, J.; GALATTI, L. R. “Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy. **Movimento**, [S. l.], v. 29, p. e29010, 2023.

LOUREIRO, E. Z; LOUREIRO, C. Z. Trabalho não pago: trabalho doméstico e superexploração das mulheres no Brasil. **VIII Semana de Economia**: políticas públicas para o desenvolvimento, out. de 2018.

NOVAIS, M. C. B.; MOURÃO, L.; SOUZA JUNIOR, O. M. de; MONTEIRO, I. C.; PIRES, B. A. B. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no brasil: subversão e resistência na

liderança esportiva. **Movimento**, v. 27, p. e27023, 2021.

PASSERO, J. G.; BARREIRA, J; TAMASHIRO, L; SCAGLIA, A. J.; GALATTI, L. R. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, v. 26, p. e26060, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/100575>. Acesso em: 28 nov. 2023.

PISANI, M. S. '**Sou feita de chuva, sol e barro**': o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RONALD, I; JARNE, A; SHVEDA K. Disparidade salarial entre homens e mulheres é real destaque da Copa do Mundo Feminina. **CNN Brasil**, 23 de julho de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/disparidade-salarial-entre-homens-e-mulheres-e-real-destaque-da-copa-do-mundo-feminina/>.

SILVA, E. da; Rodriguez, S. Y. S. Mulheres em cargos de liderança: possíveis facilidades e dificuldades no ambiente corporativo do Banco do Estado do Rio Grande do Sul - Banrisul. **Brazilian Journal of Development**, v 6, n 3, 11133–11150, 2020.

APÊNDICE A

A seguir, apresento a sistematização dos trabalhos encontrados nos periódicos da área da Educação Física com a utilização dos descritores: “liderança”, “mulheres and futebol” e “treinadora(s)”. Os dados que seguem, mostram o periódico, os descritores, quantidade de artigos encontrados e a autoria, título e ano dos 17 trabalhos selecionados inicialmente.

Quadro 2. Informações referentes à busca realizada nos periódicos da área da Educação Física, descritores, quantidade de trabalhos encontrados, autoria, título e ano do artigo selecionado.

Revista	Descritor	Quant.	Artigos Selecionados
Caderno de Educação Física e Esporte (CEFE)	Liderança	1	
	Mulheres and futebol	5	ALMEIDA-SILVA, G. H. de; RIBEIRO, V. B. Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços. (2022)
	Treinadora (s)	0	
Conexões	Liderança	3	
	Mulheres and futebol	6	TRAJANO, R. W., et al. Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças-MT: rompendo limitações na construção do gênero mulher. (2017) PISANI, M. da S.; KESSLER, C. S. As mulheres no Universo do Futebol brasileiro: resgatando o gênero. (2022)
	Treinadora(s)	4	
Licere	Liderança	0	
	Mulheres and futebol	8	CHAN-VIANNA, A. J.; MOURA, D. L. Futebol, Mulheres e Interação Social. (2017). SILVA, I. M.; ROSA, M. C. Da Participação de Mulheres no Futebol em Barbacena/MG nas Três Primeiras Décadas do Século XX. (2020)
	Treinadora(s)	0	
Motricidade	Liderança	2	
	Mulheres and futebol	0	
	Treinadora(s)	1	
Motrivivência	Liderança	0	
	Mulheres and futebol	10	FERREIRA, José. R. L; et al. Perspectiva sobre as mulheres no campo do futebol/futsal feminino: o que as pesquisas nos periódicos nacionais evidenciam. (2021)
	Treinadora(s)	3	
Motriz (UNESP)	Liderança	45	CUNHA, Gabriel. B, et al. Necessidade de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinador de Futebol em função da sua experiência e nível de formação. (2017)
	Mulheres and futebol	62	
	Treinadora(s)	5	
Movimento	Liderança	29	NOVAIS, M. C. B., et al. Treinadoras e auxiliares do

			futebol de mulheres no brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. (2021) GUIMARÃES, K. L. .; BARREIRA, J.; GALATTI, L. R. “Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy. (2023) PASSERO, J. G., et al. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. (2020) BARREIRA, J. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? (2021)
	Mulheres and futebol	29	GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. (2021) NOVAIS, M. C. B., et al. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. (2021) PASSERO, J. G., et al. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. (2020) GUIMARÃES, K. L.; BARREIRA, J.; GALATTI, L. R. “Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás”: experiências das treinadoras em cursos da CBF Academy. (2023) FERREIRA, H. J., et al. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. (2013) BARREIRA, J. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? (2021)
	Treinadora(s)	10	NOVAIS, M. C. B., et al. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no brasil: subversão e resistência na liderança esportiva. (2021) PASSERO, J. G., et al. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. (2020)
Pensar à Prática	Liderança	15	
	Mulheres and futebol	24	GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. (2006)
	Treinadora(s)	1	
Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)	Liderança	0	
	Mulheres and futebol	1	
	Treinadora(s)	0	
Revista Brasileira de Ciências e Movimento (RBCM)	Liderança	6	
	Mulheres and futebol	5	
	Treinadora(s)	2	
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE/USP)	Liderança	7	
	Mulheres and futebol	7	GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. (2005)
	Treinadora(s)	1	FERREIRA, H. J. et al. As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras. (2017)

Revista de Educação Física (UEM)	Liderança	9	
	Mulheres and futebol	6	
	Treinadora(s)	5	FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L. N. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. (2015)
TOTAL		312	17 (de 23, 6 foram repetidos)